

segundo grau no braço, feita durante o expediente, Maria foi acusada pela empregadora de ter se ferido de propósito, apenas para não trabalhar. As cicatrizes, as do braço e as invisíveis, estão ali até hoje.

## Mudança de vida

Há 16 anos, Maria veio para Brasília. Ainda no trabalho doméstico, começou a procurar outras oportunidades. Quando conseguiu um emprego de secretária em um shopping de Taguatinga, começou a faculdade. Antes de conseguir se formar, em 2016, precisou trancar o curso duas vezes, por não conseguir pagar as mensalidades. Quando, enfim, terminou a graduação, não conseguiu colocação no mercado de trabalho. “Não sei até que ponto isso é uma visão minha, a minha percepção, mas eu não atendo a um certo padrão do que as pessoas veem como psicóloga, e acabei trabalhando com telemarketing por um tempo”, conta.

Na mesma época, Maria se envolveu em trabalhos voluntários, nos quais atuava como psicóloga para jovens e adultos carentes. Além de ajudar quem precisava, a ideia era agregar conhecimento e ganhar experiência na área.

A psicóloga passou um tempo em São Paulo, com uma irmã, e voltou para Brasília quando conseguiu colocação em uma clínica psiquiátrica. O emprego, no entanto, não foi o que ela esperava e, depois de mais de três meses de atraso nos pagamentos, voltou para o telemarketing para pagar as contas. Nesse cenário, conseguiu emprego em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em Goiás, onde segue trabalhando e morando. O plano é voltar para Brasília e fazer mais especializações.

Uma outra proposta envolve se mudar para Portugal e atuar no trabalho doméstico até conseguir se adaptar financeiramente e se preparar, inclusive com os documentos necessários, para trabalhar na sua área de formação. “Sempre falo o seguinte: se precisar eu faço faxina sem problema nenhum. Eu gosto de faxinar, colocar as coisas no lugar. Tenho orgulho de onde o trabalho doméstico me trouxe e, precisando, faço sem nenhum impedimento”, afirma.

O que Maria se recusa é passar por situações humilhantes novamente. Identificando-se com o filme brasileiro *Que horas ela volta?*, deseja que cada vez mais pessoas vejam histórias de mulheres que mudaram suas vidas e se inspirem, entendendo que elas não precisam se submeter, que são capazes de mudar as próprias vidas.



**Edilene Carneiro precisou trabalhar ainda na adolescência, mas não abandonou os estudos**

## Uma geração de mulheres negras fortes

Uma história regada de lutas, mas com muita garra e determinação. Edilene Carneiro, 54 anos, é de família pobre e cresceu com muitas cicatrizes parentais. Desde cedo, viu na ausência de condições básicas do lar uma realidade que enfrentaria até a fase adulta. Aos 17, para ajudar nas contas de casa e dar suporte à mãe, começou a trabalhar de babá durante os fins de semana. E assim foi por um período de mais ou menos um ano.

“Sempre passamos por muitas privações. Falta de alimentos, dívidas de casa. Nunca passei fome, mas sempre faltava alguma coisa, por isso comecei a trabalhar”, relembra. Olhando para trás, ela conta sobre o passado cheio de feridas, em que o estudo, ainda na adolescência, chocava-se com o emprego que arrumou ainda tão jovem. O pai, alcoolista, mal conseguia dispor de qualquer auxílio para a renda da família, muito menos de afeto ou amor.

Com o cenário difícil, Edilene lembra que a rotina era cansativa, principalmente por ter que dividir tantas responsabilidades com a mãe. “Eu tive que amadurecer muito cedo”, descreve. No entanto, em meados de 1985, uma luz no fim do túnel apontava para um futuro diferente.

À época, como as formações se distribuíam de maneiras diferentes, a moradora da Candangolândia tornou-se professora de alunos de ensino fundamental, depois que terminou o ensino médio profissionalizante, como era conhecido naquele período. Essa foi a profissão que ela desempenhou durante 34 anos, até se aposentar.

Ainda que os percalços, rodeados de olhares preconceituosos e diversos casos racistas tenham sido uma constante, a educadora garante que jamais abaixou a cabeça para uma luta que sempre foi mais do que sua — mas de todos os que dependiam dela.

Hoje, mãe de uma mulher de 23 anos, olha para filha e vê que, daqui para a frente, o mundo pode ser melhor como nunca foi. Apesar de tudo, a professora se considera uma vencedora, e enxerga nesses caminhos tortos uma felicidade sem igual, preenchida de orgulho e de satisfação. Edilene acredita que, de onde ela veio, o esforço sempre é em dobro. Mesmo com as conquistas, não esconde que ainda há muitas coisas pelas quais lutar. “Somos uma geração de mulheres negras fortes”, pondera.